

A construção do ser masculino nas famílias heterossexuais interculturais na atualidade

Maria Eduarda Noura Rittiner*

Resumo: Este trabalho trata de algumas ideias iniciais e pretende trazer alguns elementos para discussão sobre a masculinidade e a família na atualidade. Será abordado e articulado dentro de um conjunto de autores(as) que trabalham a questão da masculinidade a partir da perspectiva antropológica. Serão usados dados empíricos obtidos em entrevistas com casais interculturais heterossexuais - mulheres brasileiras e homens suíços - acerca de como percebem a masculinidade e o homem na atualidade. Com as várias ressignificações na família, na mulher e na sociedade, o homem tem sido afetado em todos os âmbitos de sua vida. Portanto, abranger as mudanças que ocorrem no e com homem no contexto da família é de suma importância. Essas transformações nos levam a questionar: o que é ser homem? Como o homem se relaciona com a mulher face às rápidas mudanças nos atuais papéis de gênero? Como se comporta diante de sua masculinidade? Como a mulher o percebe? Veremos que mudanças específicas aconteceram na construção de ser homem e que, independentemente de como chamemos o momento histórico-social - *alta modernidade; pós-modernidade; modernidade tardia* - que vivenciamos, são, sem dúvida, momentos *flexíveis e plurais*, onde a heterogeneidade, a interculturalidade e a mixidade predominam.

Palavras-chave: masculinidade, família, interculturalidade

Abstract: This paper deals with some initial ideas and intends to bring some elements for discussion about masculinity and family today. These ideas will be discussed and articulated taking into consideration a number of authors who work the issue of masculinity from the sociological perspective. I will use empirical data obtained from interviews with heterosexual intercultural couples - Brazilian women and Swiss men - about how they perceive masculinity and man today. With the various reinterpretation within family, women and society, man has been affected in all areas of his life. Therefore it covers the changes that occur in man and in the context of the family it is paramount. These transformations lead us to question: what is a man? How man relates with his wife in the face of rapid changes in current gender roles? How to behave in front of his masculinity? How does the woman perceives it? Will see that specific changes occurred in the construction of being male and that, regardless how we call the social-historical moment - high modernity, post-modernity, late modernity – that we experience, they are undoubtedly flexible and plural moments, where the heterogeneity, interculturalism and miscegenation predominate.

Keywords: masculinity, family, intercultural

* Doutoranda em Ciências Sociais - PPCIS/UERJ e mestre em Antropologia pelo PPGA/UFPE. nourarittiner@yahoo.com.br

Artigo apresentado no IX SEMINÁRIO DE ALUNOS: Conhecimentos Compartilhados –PPCIS/UERJ. Linha de Pesquisa Imagens e Perspectivas da Subjetividade.

Introdução

Este trabalho trata de algumas ideias iniciais e pretende trazer alguns elementos para discussão sobre a masculinidade e a família na atualidade. Este será abordado e articulado dentro de um conjunto de autoras e autores que trabalham a questão da masculinidade a partir da perspectiva antropológica. Serão usados também dados empíricos obtidos em entrevistas com casais heterossexuais interculturais – formados entre homens suíços e mulheres brasileiras – acerca de como percebem a masculinidade e o homem na atualidade.

Foram analisados para este trabalho a formação de famílias interculturais de classe média urbana formada por homens suíços e mulheres brasileiras, segundo a perspectiva dos mesmos; a motivação do homem suíço em buscar relações afetivo-conjugais interculturais; o fundamento de sua escolha por uma relação estável com alguém de outra cultura (brasileira); até que ponto a emancipação da mulher suíça contribui para o aumento de casamentos interculturais entre os homens suíços e as mulheres estrangeiras; como os homens percebem suas masculinidades e o que é ser “o homem da família” na atualidade; a percepção que os sujeitos (os homens suíços e suas esposas brasileiras) envolvidos possuem no curso da dinâmica da estruturação desses mesmos relacionamentos.

Anteriormente, pude estudar o fenômeno do Turismo Sexual e aprofundar-me sobre o fluxo de pessoas que se deslocavam de seus locais de origem para esse tipo de turismo. Mas, o que mais despertou minha atenção era a quantidade de estrangeiros que, ao viajar, não tinham como objetivo o Turismo Sexual, nem somente o convencional - Turismo de Lazer, mas sim, o que denominei de “*Turismo Afetivo*”¹. Ou seja, buscar em outra cultura um relacionamento afetivo conjugal. Pude constatar que os motivos desses últimos, mesmo que não conscientes a princípio, era o de constituir família, de encontrar alguém que correspondesse ao “ideal” de casamento vivido pelos seus pais e avós. O casamento liberal, de igual para igual, não os estava satisfazendo. Mesmo não sendo um segmento do Turismo, o “*Turismo Afetivo*” é uma ação frequente, mesmo que inconsciente, nos turistas que buscam um relacionamento estável em seu período de férias. Além disso, como foi salientado no trabalho, um tipo de turismo pode levar a outro. Assim, a maioria dos suíços entrevistados neste estudo também conheceu suas esposas em viagens de turismo.

¹ CÉU RODRIGUES, Maria Eduarda Noura. (2001) “**Turismo Afetivo**”: relacionamentos interculturais. Trabalho de Iniciação Científica – CNPq/UNICAP - Universidade Católica de Pernambuco.

Meu interesse em aprofundar esse trabalho diz respeito também ao porquê da escolha desses homens por mulheres de cultura diferente das suas de origem. Na condição de mulher senti interesse em pesquisar porque os homens (pelo menos alguns) não estão mais conseguindo manter uma relação a dois, saudável e satisfatória, com as mulheres de sua cultura de origem e se esses novos relacionamentos amorosos estão correspondendo às expectativas que tinham a respeito.

Os sujeitos entrevistados são homens suíços e mulheres brasileiras vivendo na Suíça ou no Brasil. Entre os entrevistados estão seis casais e três homens. Dois dos sujeitos entrevistados, Vicent e Willi vivem um relacionamento estável (união consensual), um é viúvo e seis são casados oficialmente. Os seis casais com quem fiz as entrevistas pela Internet² moram, atualmente, na Suíça. Os três homens suíços com quem fiz as entrevistas pessoalmente residem em Recife. As esposas perquiridas têm idade mínima de 26 anos e máxima de 32 anos, são de várias etnias e todas possuem cursos universitários. Isso talvez se deva ao fato dos entrevistados serem amigos, amigos dos amigos e por terem acesso à internet. Também por ter preferido não fazer entrevistas com casais em Boa Viagem – um bairro do Recife conhecido pelo turismo sexual. Os homens têm entre 30 e 62 anos, com um ano de união no mínimo e 33 no máximo.

TABELA 1 – Perfil sócio-demográfico dos entrevistados

CASAIS	ESTADO CIVIL	TEMPO DE CASADOS	GRAU DE ESCOLARIDADE	PROFISSÃO	PAÍS DE ORIGEM	IDADE	MORADIA
Simone Cláudio	Casados	1ano e 6 meses	Super. Incompleto Superior Completo	Artes Dramáticas Publicitário	Brasil Suíça	31 39	Zurique/CH
Clarissa Urs	Casados	3 anos e 9 meses	Superior Completo Superior Completo	Farmacêuto.- Bioquímica Engenheiro Mecânico	Brasil Suíça	28 30	Zurique/CH
Larissa Vicent	Rel. Estável	1 ano	Superior Completo Superior Completo	Jornalista Professor	Brasil Suíça	31 35	Jura /CH
Patrícia Markus	Casados	3 anos	Superior Completo Superior Completo	Publicitária Geógrafo	Brasil Suíça	29 36	Zurique/CH
Sheyla Didier	Casados	1 ano	Superior Completo Superior Completo	Analista de Sistemas Físico	Brasil Suíça	26 37	Lausanne /CH

² Muitas entrevistas foram feitas pelo MSN, vídeo conferência, Skype e pelo VoipBuster.

Thaís Mike	Casados	2 anos e 4 meses	Pós Graduação Superior Completo	Diretora Vídeo Cinema Professor	Brasil Suíça	32 42	Zurique/CH
HOMENS							
Charles	Viúvo	15 anos	Curso Técnico	Técnico de Tubulação Hidráulica	Suíça	40	Ponta de Pedra/PE
Gilbert	Casado	33 anos	Superior Completo	Diretor das Nações Unidas	Suíça	62	Jaboatão dos Guararapes/PE
Willi	Rel. Estável	11 anos	Curso Técnico	Mecânico Industrial	Suíça	46	Jaboatão dos Guararapes/PE

O que é ser homem

Ao contrário das décadas passadas, quando os estudos de gênero privilegiavam claramente os estudos sobre a mulher, durante a última década têm surgido, cada vez mais, estudos sobre a masculinidade. Isso vem acontecendo porque se torna urgente redefinir o conceito de masculinidade, visto que o atual vem trazendo desconforto a muitos homens. Observar o modo de vida dos homens nos permite considerar como os diversos eventos socioculturais agem sobre o gênero masculino e sobre suas masculinidades.

Pierre Bourdieu, em *A Dominação Masculina* (1999), explica a (re)produção dos gêneros e a persistência das relações de dominação de gênero a partir do conceito de *habitus*. Assim, para Bourdieu,

O habitus fornece ao mesmo tempo um princípio de sociação e de individuação: sociação porque as nossas categorias de juízo e de acção, vindas da sociedade, são partilhadas por todos aqueles que foram submetidos a condições e condicionamentos sociais similares (assim podemos falar de um *habitus* masculino, de um *habitus* nacional, de um *habitus* burguês, etc.); individuação porque cada pessoa, ao ter uma trajectória e uma localização únicas no mundo, internaliza uma combinação incomparável de esquemas. Porque é simultaneamente estruturado (por meios sociais passados) e estruturante (de acções e representações presentes), o *habitus* opera como o “princípio não escolhido de todas as escolhas” guiando acções que assumem o carácter sistemático de estratégias mesmo que não sejam o resultado de intenção estratégica e sejam objectivamente “orquestradas sem serem o produto da actividade organizadora de um maestro” (Wacquant, Loïc. **Esclarecer o Habitus**: s/a apud Bourdieu, Pierre. [1980] 1990. *The Logic of Practice*. Cambridge: Polity Press. p. 256).

O *habitus* seria então a *categoria mediadora* que transcende a fronteira entre o objetivo e o subjetivo e que permitiu a Bourdieu apreender e descrever a dualidade do mundo

argelino colonial. Os camponeses na Argélia colonial se sentiam desenraizados e os subproletários urbanos eram encarados como seres bifurcados, aculturados devido à coexistência de padrões de comportamento antagônicos: o *ethos* importado da metrópole e o *ethos* herdado de sua própria tradição ancestral. Os argelinos viviam entre a linguagem tradicional e a moderna e vice-versa.

Assim, podemos perceber que o conceito de *habitus* permite realçar como o sistema vive nas e pelas disposições discordantes e dentro de expectativas confusas introduzidas nos sujeitos; também percebemos como numa sociedade as mudanças não são feitas e nem acontecem sempre na mesma sintonia. “*Os diferentes níveis de realidade social não se transformam, necessariamente, no mesmo ritmo*” e “*as formas de agir e de pensar podem sobreviver a uma mudança nas condições de existência...*” (WACQUANT, Loïc, 2006 apud BOURDIEU & SAYAD. 2004 [1964] *Colonial Rule and Cultural Sabir. Ethnography*, v. 5 n. 4, p. 544-586 p. 471-472) Isso é percebido, por exemplo, nas diferentes formas das mulheres e dos homens apreenderem a família, a masculinidade e as relações de gênero na atualidade.

Para o autor, o conceito de gênero implica uma relação entre os gêneros, apesar do masculino ainda ser considerado na grande maioria das sociedades como tendo mais valor do que o feminino. Essa é uma postura geral de mundo e se encontra presente nos corpos e nos *habitus* dos agentes, agindo como esquemas de percepção, de pensamento e de ação. O lugar tanto do homem como o da mulher, assim como suas tarefas e formas de agir e de pensar estão predeterminados, segundo o autor. Até mesmo os seus espaços de inserção social já estão padronizados. Assim, as diferenças de sexo e gênero são produto de “*um longo trabalho coletivo de socialização do biológico e de biologização do social*” (Bourdieu, 1999: p. 9) Gênero é um conceito relacional e uma estrutura de dominação simbólica onde os gêneros são um par de opostos que constituem uma relação e estas são relações de poder em que “*o princípio masculino é tomado como medida de todas as coisas*” (op.cit. p. 23).

Maria Eulina Pessoa de Carvalho (s/a) salienta que para Bourdieu a subjetividade de gênero, corporificada, ou seja, estruturada internamente e expressa em posturas masculinas ou femininas (experiência individual), é continuamente realimentada e reforçada pela objetividade da realidade social, ou seja, por uma organização social baseada em divisões de gênero (experiência histórica). Os *habitus* de gênero são fruto da educação informal, de um trabalho pedagógico psicossomático de nomeação, de uma imposição e uma incorporação

que têm início no processo de socialização infantil e continuam através de variadas e constantes estratégias educativas de diferenciação, em grande parte implícitas nas práticas de vários agentes e instituições como a família, a igreja, a escola e os meios de comunicação.

Joan Scott (1995) se refere a gênero para apontar as relações sociais entre os sexos excluindo, assim, qualquer alusão biológica que tente explicar ou justificar a subordinação das mulheres. Gênero para a autora é a forma de construção totalmente social de ideias sobre os papéis moldados aos homens e às mulheres. Portanto, o que determina o papel de gênero, em cada ser humano, é o conjunto de regras sociais que provocam limitações e delimitações na identidade.

Entre os estudiosos da masculinidade, podemos salientar Michel Kimmel que enfatiza a importância de abrir mais o espaço para os estudos da masculinidade, analisando-os sobre o prisma do gênero, para entender o masculino como algo plural, isto é, como a construção de diferentes estilos de ser homem que transitam no interior de cada homem. Salienta ainda que:

As masculinidades (1) variam de cultura para cultura, (2) variam em qualquer cultura no transcorrer de um certo período de tempo, (3) variam em qualquer cultura através de um conjunto de outras variáveis, outros lugares potenciais de identidade e (4) variam no decorrer da vida de qualquer homem individual. (...) São constituídas simultaneamente em dois campos inter-relacionados de relações de poder – nas relações de homens com mulheres (desigualdade de gênero) e nas relações dos homens com outros homens (desigualdades em raça, etnicidade, sexualidade, idade, etc). Assim, dois dos elementos constitutivos na construção social de masculinidades são o sexismo e a homofobia. (...) A masculinidade como uma construção imersa em relações de poder é frequentemente algo invisível aos homens cuja ordem de gênero é mais privilegiada com relação àqueles que são menos privilegiados por ela e aos quais isto é mais visível. (1998: p. 105)

Maria Coleta de Oliveira refere que os estudos de gênero têm, visivelmente, privilegiado a questão da mulher em torno da qual se constituíram, mas que a tensão entre os polos feminino e masculino colocou a nu o desconhecimento acerca do homem. Acrescenta que “a *“questão masculina” brota do processo social, do espanto e do desconforto dos homens diante da emancipação feminina ou, simplesmente, diante do questionamento das assimetrias de gênero por parte de um certo segmento de mulheres*”. Aponta ainda para o fato de os papéis masculinos estarem esquecidos pela Demografia e para a *“necessidade da Demografia escrever a dinâmica da população da perspectiva masculina (...), da perspectiva das relações entre os sexos”*. (1994: p.90)

Mas, até bem pouco tempo atrás o que era ser homem não era algo questionável. Para alguns teóricos, as identidades modernas estão entrando em colapso devido ao tipo de mudança estrutural que as está assolando, fragmentando

as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a idéia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. (HALL, 2003, p.9)

Concordando com o fato de que não há só uma masculinidade, mas masculinidades, nem somente uma forma de se ser homem, os entrevistados para este estudo afirmam que ser homem varia entre: de um lado, “*ser uma pessoa integral. Trabalhar em família. Buscar um meio de equilíbrio no meio do caminho. Isso é essencial.*”³ E de outro, “*ser amigo e companheiro, bom. Acho que é trabalhar, construir, amar, estudar, ser feliz e participar.*”⁴ Em resumidas contas, “*primeiro viver e agir como ser humano. Procurar e achar um projeto de vida e fazer sempre o melhor a cada dia.*”⁵ Pode-se dizer que ser homem também é visto pelos perquiridos como sendo alguém sem nenhuma diferença da mulher, além do fato de não ser mulher, ou seja: “*Talvez a pergunta seja: o que é o ser humano?*”

O homem da atualidade precisou rever sua posição na sociedade e fazer grandes mudanças, ou seja, transformar-se em um novo homem para coexistir com essa nova mulher que foi gestada a partir da emancipação da mulher. Mas até encontrarem o seu lugar, ou novo lugar no seio familiar, muitos questionamentos serão levantados. Embora homens e mulheres concordem que ser homem ainda é ser o provedor, - o que corrobora com a ideia de *habitus* de Bourdieu devido ao *habitus* ser *estruturado* e *estruturante* - não se pode afirmar que essa é a maior ou a única preocupação ou responsabilidade de ser homem. Essa mudança de perspectiva pode ser captada na fala de Simone. *Ser homem é você priorizar os valores morais, como amor, como respeito, como a serenidade. Colocar isso acima de ter uma posição melhor num emprego (...) ser homem no geral, homem e mulher, é você procurar fazer aquilo que você queria que fizessem para você.*⁶

³ Cláudio – Skype (Suíça) 28/04/2005

⁴ Larissa – MSN (Suíça) 09/05/2005

⁵ Mike – Skype (Suíça) 06/06/2005

⁶ Simone – Skype (Suíça) 28/04/2005

“Quem são eles? Quem eles pensam que são?”

O homem ocidental tem sido considerado como sendo portador de “algo a mais” do que a mulher. Isto contribuía para que mantivesse o poder sobre a mulher. Bourdieu diz a esse respeito que:

... jamais deixei de me espantar [...] que a ordem estabelecida, com suas relações de dominação, seus direitos e suas imunidades, seus privilégios e suas injustiças, salvo uns poucos acidentes históricos, perpetue-se apesar de tudo tão facilmente, e que condições de existência das mais intoleráveis possam permanentemente ser vistas como aceitáveis ou até mesmo naturais. (Bourdieu, 1999, p. 7)

Com a desmistificação desse “algo a mais”, o poder que o homem exercia sobre a mulher ruiu e, com ele, a segurança de ser seu “senhor absoluto”. Essa desmistificação acerca do poder ou dominação masculina teve seu apogeu com o movimento feminista. “*Ao pôr fim à distinção entre os papéis e firmar pé sistematicamente em todos os domínios antes reservados aos homens, as mulheres fizeram evaporar-se a característica universal masculina: a superioridade do homem sobre a mulher.*” (BADINTER, Elisabeth. 1993: p. 6)

E, embora o feminismo seja visto como o grande causador da crise instalada no seio da família e mais especificamente da crise do homem moderno, - na verdade, o feminismo foi mais culpado de ter mostrado as mazelas do patriarcalismo do que de ter causado a “crise do masculino”. No entanto, isso teve um preço. Ao querer mudar, sair da esfera privada para a pública, e ao querer, também, restabelecer sua identidade, as mazelas dos homens que, até então estavam bem escondidas, vieram à tona ou como alguns estudiosos dizem: o masculino entrou em crise.

Michel Dorais, por exemplo, afirma que “*A primeira etapa da mudança consiste geralmente em repensar os próprios valores, atitudes e comportamentos. Ora, ninguém aceita de boa vontade os próprios erros, é difícil admitir, aos trinta, quarenta, cinquenta ou sessenta anos, que ainda se tem muito a aprender.*” E continua: “*sem contar as interpelações às vezes contraditórias feitas aos homens por suas parceiras (...). Hoje, incita-se (sic) os homens a se interrogar, a duvidar, quando sempre se ensinou a eles que os verdadeiros homens tinham de agir e estar seguros de si.*” (1994, p. 98)

A esse respeito, Anthony Astrachan (1989), em *“Como os Homens Sentem”*, faz um relato pessoal de como se sentia a respeito do sucesso que sua esposa tinha profissionalmente; reflete, assim, os sentimentos de muitos dos homens entrevistados por ele. *“Houve um ano da nossa vida em comum em que ela ganhou mais dinheiro do que eu; isso, por um lado, me deixou orgulhoso, mas, por outro, me levou a sentir que o meu poder estava diminuindo aos seus olhos.”* E continua: *“fiquei na posição da maior parte das mulheres com relação a seus maridos (...) até quando estava ganhando mais do que Susan. Eu tinha medo de não conseguir sobreviver sem ela, e me ressentia disso mesmo quando aplaudia o seu sucesso.”* (p. 25, 26)

Astrachan nos diz ainda: *“houve períodos em que chegamos a conviver como iguais, mas aos poucos nos tornamos tão competitivos que isso corroeu o nosso amor. Uma das razões que fez com que o nosso casamento terminasse foi a minha dificuldade em aceitá-la como igual.”* Isso porque, segundo ele, *“as mudanças nas relações entre sexos não são apenas função dos papéis da emoção, são também uma questão de poder.”* (1989, p. 7-9)

Realmente, a dominação masculina - na teoria de Bourdieu -, e mesmo a violência implícita a ela, persiste mesmo com os avanços e conquistas das mulheres nas últimas décadas ao redor do mundo, até mesmo nas sociedades mais “civilizadas”. A violência implícita nela é simbólica, suave, invisível às próprias vítimas e se perpetua pelas vias da comunicação e do conhecimento, mas principalmente a partir do sentimento. (BOURDIEU, 1999, p. 7-8) As variadas formas de existência da dominação masculina variam em sua forma e intensidade. Cada sociedade vai ser influenciada pelas suas próprias especificidades sócio-históricas e pelos movimentos sociais que lutam contra essa dominação.

E, no novo desenho das relações de gênero, as mulheres estão exigindo participar cada vez mais desses poderes. Essa exigência por maior participação levou *“os homens a começarem a sentir e a falar a respeito de um tipo de mudança, a mudança pessoal, que nós frequentemente encaramos como uma ameaça à nossa identidade masculina.”* (ASTRACHAN, 1989, p. 27-29)

É ao sentir essa ameaça à sua masculinidade que muitos homens decidem procurar o que lhes é conhecido, ou seja, uma volta ao passado em busca de um relacionamento afetivo-conjugal onde a individualidade e a competição não sejam prioridades. Atualmente, mesmo os homens que apoiam e aceitam, de maneira positiva, essas mudanças e a participação de uma

mulher com mais poder, “*também têm sentimentos negativos intensos que complicam o seu relacionamento com as mulheres.*” (ibidem. p.29)

As nossas emoções se enquadram em padrões específicos que ninguém identificou claramente até hoje. Quando nos sentimos negativos com relação ao que as mulheres estão fazendo, os nossos sentimentos formam padrões que enfatizam combinações diferentes de raiva, de medo, de ansiedade, de inveja, de vergonha e de culpa, que estão em transformação. Quando somos positivos, os nossos sentimentos recaem em padrões que enfatizam uma combinação de alívio, orgulho, admiração, identificação e prazer, embora este último possa surpreender muitos homens. (ASTRACHAN, 1989, p.29)

Como BOURDIEU (1999) salienta, a dominação não é um efeito ideológico “*e sim um sistema de estruturas duradouramente inscritas nas coisas e nos corpos*” (p. 53-54), que impõe aos oprimidos obstáculos nas suas expectativas de pensamento e de ação sem eliminar espaços de resistência crítica. Assim podemos nos perguntar se no avanço e conquistas das mulheres os papéis de dominação não se estão invertendo ou como entender e fazer face ao avanço da consciência feminista entre homens e mulheres.

No percurso feito desde o início da revolução feminina, muitos tipos de homem já foram gestados. Nesse sentido, Elisabeth Badinter (1993) nos mostra um aspecto algo negativo da condição humana, resultado dessas transformações nas últimas décadas; mas, por mais excessivo e mordaz que possa ser, tem o mérito de expor os impasses da masculinidade, que são também consequências diretas ou indiretas do sistema patriarcal. Ela nos fala das várias definições de homem que têm surgido nos últimos anos como consequência da emancipação da mulher. Para contrastar, o *homem duro* que é o *inconstante*, aquele que toma e não dá nada em troca e contra quem as mulheres se revoltaram, surgiu, de fato, do seu extremo oposto, o *homem mole*, um eterno estudante, dependente da mulher a ponto de não poder viver sem ela, como um bebê com sua mãe.

Não obstante, a competição e o estresse que acompanham a vida do dia a dia, a obsessão pelo desempenho profissional e por injunções outras aumentam a fragilidade masculina. A demanda feita aos homens para se adequarem ao ideal masculino atual provoca angústia, dificuldades afetivas, medo do fracasso e comportamentos compensatórios potencialmente perigosos e destruidores.

Se a isso se acrescenta que em nossa sociedade a vida de um homem vale menos que a vida de uma mulher (as mulheres e as crianças primeiro!), que ele serve de bucha de canhão em tempo de guerra e que a representação da sua morte (no cinema e na televisão) tornou-se simples rotina, um clichê da virilidade, boas razões existem para olhar a masculinidade tradicional como uma ameaça à vida. (BADINTER, 1993, p. 146)

Contudo, se não se pode culpar a mulher pelo fato de não querer e não mais aceitar viver sob o jugo do homem; por outro lado, é fato que os homens, realmente, estão sendo questionados em todos os sentidos. A mulher ter saído do ostracismo que a cultura machista a relegou e, de fato, ter levantado questionamentos sobre o caráter masculino, sobre como o homem estava conduzindo a família e a sociedade – toda essa postura questionadora – por certo não acontece sem consequências. O homem, em algumas instâncias, ainda está em fase de pré-aceitação dessas mudanças feitas pela mulher, tanto na esfera privada como na pública. Está, também, aprendendo “características femininas”, a saber, flexibilidade, sensibilidade, ser melhor ouvinte, dividir responsabilidades.

Entretanto, vale salientar que, no curso desse questionamento a essa cultura machista, não são só os homens que estão sendo afetados. As mulheres também estão tendo de lidar com as consequências de terem transformado sua vida pública e privada. “*É preciso reconhecer que muitas mulheres ficaram mais estressadas, preocupadas com necessidades que não preocupavam tanto as mulheres de antigamente, como dinheiro, consumo, sucesso, carreira... Criamos novas exigências, novos desejos, novas ambições e novas culpas.*” (GOLDENBERG, s/a2) As mudanças que afetam a vida do homem no seio familiar, hoje, estão refletidas, também, nas falas dos entrevistados.

Patrícia pensa que, para que o homem (mesmo o suíço) chegue ao nível de igualdade com a mulher nos afazeres domésticos, por exemplo, ele precisa se esforçar bem mais; mas, por outro lado, eles estão bem mais sensíveis. E compara o marido suíço ao seu irmão brasileiro.

Fazem! Mas não é a mesma coisa! Exemplo: a faxina de casa...o Markus varre só onde o papa-pó passa. Cantinhos, ele nem liga! e ainda diz: "nossa fiz um faxinão!!!" Só rindo. E quando corta o dedo? Nooossa!!! Parece que vai ter uma hemorragia interna! E é preciso de lupa pra ver o corte! Toma até banho com saco plástico enrolado pra não molhar o dedo, só rindo. Depende de como são criados. Meu irmão nunca chorou! O Markus chora com filme e até desenho. Eu acho ótimo.

Só que eles "descobriram" que têm essa sensibilidade e qualquer coisa é motivo de drama (por exemplo, achar que 37 é febrão!!!)⁷

Para se adaptar à sociedade atual, o homem percorre um penoso caminho cheio de vertentes para se transformar no “novo homem”, onde se depara com a recusa de aceitar as mudanças, a revolta, a conscientização, a aceitação e finalmente a transformação. Essa dificuldade é tão marcante pelo fato do *habitus* masculino e feminino serem inseparáveis das estruturas que os produzem e reproduzem no contexto da economia dos bens e das trocas simbólicas. Ou seja, "*das relações de produção e reprodução do capital simbólico, cujo dispositivo central é o mercado matrimonial*" (Bourdieu, 1999: p. 55). Embora todos os entrevistados sejam enfáticos ao dizer que o homem, no passado, era o “senhor da casa” e o “provedor”, ao mencionarem o homem da atualidade, o homem em transformação, não se restringiram a uma ou duas qualificações, mas a uma multiplicidade delas.

Assim, é indiscutível que as conquistas sociais e políticas alcançadas pela mulher no século XX são imensas, assim como é igualmente indiscutível que a dominação masculina não desapareceu, persistindo em todos os campos da vida social. Ou seja:

"As mudanças visíveis que afetaram a condição feminina mascaram a permanência de estruturas invisíveis que só podem ser esclarecidas por um pensamento relacional, capaz de pôr em relação a economia doméstica ... e os diferentes setores do mercado de trabalho (os campos) em que estão situados os homens e as mulheres". (BOURDIEU, 1999, p. 126)

Reconciliando os “eus” e os “outros”

As características atribuídas tanto à mulher quanto ao homem são, na verdade, socialmente construídas. Nesse sentido, são produtos de um determinado contexto histórico social. Portanto, quando se fala em um novo homem ou em uma nova mulher, se está ciente de que esse “novo homem” e essa “nova mulher” precisam ser construídos. Ora, se a masculinidade e a feminilidade se constroem, evidentemente, podem mudar. A esse novo homem mais participativo, Elisabeth Badinter chama de “homem reconciliado”. Segundo a autora, homem e mulher só poderão estar em sintonia quando a masculinidade deixar de ser

⁷ Patrícia - MSN (Suíça) 25/04/2005

definida por oposição à feminidade. Para isso, o homem precisa estar “reconciliado”. E essa reconciliação, na realidade, pode ser encontrada no androginato.

No entanto, a autora nos alerta que é preciso prestar atenção para não cair no erro de confundir o androginato humano com efeminação. O andrógino humano é uma mistura de ambos - homem e mulher. Todavia, esta mistura está relacionada às qualidades do homem e da mulher, às qualidades definidas como femininas e masculinas, e não a quaisquer características sexuais. “*O andrógino é uma mistura de ambos, o que não significa um ser dotado dos dois sexos.*” (BADINTER, 1993, p. 166)

Nesse curso, - da recusa à transformação -, pelo qual o homem tem passado para se tornar um novo homem, é onde se estabelece a sua aceitação como ser andrógino. Ao participar mais dos afazeres domésticos, da educação dos filhos, e de todas as atividades que antes eram responsabilidade única da mulher, o homem está entrando na fase de conclusão de um processo onde as qualidades da mulher e as do homem entram em fusão, ou seja, a reconciliação da masculinidade com a feminilidade: o que definiria o verdadeiro andrógino humano.

No entanto, não parece que homem e mulher já estejam em um patamar de equilíbrio nessa mudança. Pois, enquanto a mulher já tem a habilidade de lidar com vários afazeres ao mesmo tempo, o homem está em seu *début*. Thais, uma das entrevistadas, percebe que ainda há muito a ser feito para que este novo homem se reconcilie antes que o ciclo seja fechado. Em sua análise, na verdade, o ciclo de transformações/adaptações não só não se fechou como o homem ainda está a alguns passos atrás da mulher. Reconhece que, nessa linha de reafirmação, ele está correndo atrás do prejuízo, isto é, dando prioridade em sua vida a outras coisas que o dinheiro ou um bom emprego. Ela salienta que “*o homem ainda está em busca do santo graal. Em busca do cálice sagrado, correndo atrás do seu papel, a corrida do ouro, mas mais atento para o que o cálice traz, uma riqueza maior fora sempre a grana.*”

Ao falar sobre os recentes debates sobre a relação homem/mulher, e, mesmo em conversas informais, Mirian Goldenberg acentua que costumam aparecer reclamações tais como: “*nada mudou na convivência entre os sexos*”. Ou ainda: “*na verdade, tudo ficou muito pior*”. Essas queixas são feitas tanto por homens como por mulheres esclarecidos, que acreditam que os desencontros atuais, as inúmeras separações e a insatisfação masculina e feminina na família e, mais precisamente, no casamento, são resultados advindos do

movimento de libertação da mulher das décadas de 60 e 70.⁸ É ao encontrar tantas barreiras e sentindo que a relação a dois se tornou algo difícil, tão inatingível devido a tantas demandas que não são poucos os homens que buscam em outras culturas sua complementaridade conjugal ou que,

(...) tentam voltar ao passado, quando os papéis destinados a homens e mulheres eram muito mais bem delimitados. Era muito mais fácil saber o que se iria ser quando crescesse: variações em torno de pai, médico, engenheiro ou advogado; esposa-mãe, dona de casa ou professora primária. O sonho era ter uma casinha, filhos saudáveis, uma geladeira branca, um telefone preto e um carro Ford ou Chevrolet. A sociedade atual não permite sonhar com o futuro, preocupados que estão todos em viver hedonisticamente o presente, consumindo ao máximo bens materiais e relações afetivo-sexuais.⁹

Como este comportamento tem sido notado tanto em homens como em mulheres, tem surgido a necessidade em alguns homens de formarem família e terem consigo uma esposa que possibilite uma espécie de retorno aos tempos tradicionais, ou seja, tempos onde modos de fazer, agir e pensar eram passados de geração em geração, onde a familiaridade era presente e o que vinha d'outrora, de antepassados não sofria mudanças tão radicais. E para que esse retorno seja possível, muitos deles buscam sua complementaridade conjugal em países em desenvolvimento como o Brasil, a República Dominicana, a Tailândia, onde as mulheres ainda não estão tão acirradamente empenhadas na "luta" pela igualdade. Onde ainda há espaço para o "nós" e há menos competição em relação ao "eu" seja ele de quem for.

Considerações finais

Acredito que dessa forma, os homens suíços reforçam o que Pierre Bourdieu aponta sobre o *habitus* ser *estruturado* e *estruturante* e a dominação não ter apenas um efeito ideológico, mas também ser um "*sistema de estruturas duradouramente inscritas nas coisas e nos corpos*". Mas, o aumento de 180%, na última década, de casamentos interculturais entre homens suíços e mulheres brasileiras se dá, embora sejam duas culturas bem diferentes,

⁸ GOLDENBERG, Mirian. 1996

⁹ GOLDENBERG, Mirian. 1999: p. 157

porque os envolvidos consideram estar tendo suas expectativas alcançadas¹⁰ e encontrando um meio termo para equilibrar os dois extremos. Encontram, pois, um meio termo onde, segundo eles mesmos, não há independência demais, mas também não há o machismo bastante acentuado dos homens brasileiros. Não é, portanto, um “relacionamento viciado”¹¹ mas, tampouco, é um relacionamento em que haja “*competição entre os dois cônjuges, individualismo exacerbado onde, por exemplo, cada um tem sua conta de banco separada, pagam até o cinema separado. Para mim isso é uma loucura!*”¹²

Bibliografia

ASTRACHAN, Anthony. (1989) *Como os Homens Sentem: sua relação às reivindicações femininas de igualdade e poder*. Trad. Claudia Gerpe Duarte. Rio de Janeiro: Imago, 568p.

BANDITER, Elisabeth. (1993) *XY: sobre a identidade masculina*. Trad. Maria Ignez Duque Estrada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 266p.

BOURDIEU, Pierre. (1999) *A Dominação Masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

_____. (1989) *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

_____. (1972). Esboço de uma Teoria da Prática. In: BOURDIEU, Pierre. *Sociologia*. São Paulo: Ática, 1994, pp. 46-81.

CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de. *Pierre Bourdieu sobre Gênero e Educação*. http://www.prodema.ufpb.br/revistaartemis/numero1/arquivos/artigos/pierre_bourdieu.htm. Acesso: 19/07/2010

DORAIS, M. (1994) *O Homem Desamparado, crises masculinas: compreendê-las para enfrentá-las*. São Paulo: Loyola. 103p.

GIDDENS, Anthony. (1991) *As Conseqüências da Modernidade*. Trad. Raul Fiker. São Paulo: UNESP. 177p.

_____. (1993) *A Transformação da Intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. Trad. Magda Lopes. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista. 228p.

GOLDENBERG, Mirian. *Masculinidade em Crise: novos modelos de “ser homem”*. s/d.

_____. (1999) *Homem/mulher: o que existe de novo?* In: RIBEIRO, Marcos (org.). *O prazer e o pensar*. São Paulo: Gente. v.1. p. 155-160.

_____. (1996) *Estudos Feministas*. Ano 4, 2º semestre de 1996

¹⁰ CÉU RODRIGUES. 2001. Em um estudo anterior –*Turismo Afetivo: relacionamentos interculturais -100% dos 39 homens europeus entrevistados disseram estar plenamente satisfeitos com seus casamentos interculturais com as mulheres brasileiras.*

¹¹ GIDDENS, Anthony. 1993, p. 103-108

¹² Clarissa - MSN (Suíça) 11/04/2005

- HALL, Edward T. (2005) *A Dimensão Oculta*. Trad. Waldéa Barcellos. São Paulo: Martins Fontes. Coleção A
- HALL, Stuart. (2003) *A Identidade cultural na pós-modernidade*. 7º ed. Rio de Janeiro: DP&A. 102p
- _____. (2003a) *Da Diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil
- _____. (2003b) A Questão Multicultural. In: *Da Diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil
- KIMMEL, Michel. (1998) *A Produção Simultânea de Masculinidades Hegemônicas e Subalternas*. Horizontes Antropológicos. Porto Alegre, ano 4. n.9, p.103-117
- OLIVEIRA, Maria Coleta de; BILAC, Elisabeth D.; MUSZKAT, Malvina. (1994) *Os homens, esses desconhecidos...*. *Revista Brasileira de Estudos de População*, Vol. 11, Nº 1. São Paulo: ABEP, jan/jun.
- SANTOS, Jair Ferreira dos. (1986) *O que é Pós-Moderno*. São Paulo: Brasiliense
- SCOTT, Joan. (1995) *Gênero: uma categoria útil para análise histórica*. (Tradução: Recife: SOS/CORPO)
- VAITSMAN, Jeni. (1994) *Flexíveis e Plurais: identidade, casamento e família em circunstâncias pós-modernas*. Rio de Janeiro: Rocco, 203p.
- WACQUANT, Loïc. (2006) *Seguindo Pierre Bourdieu no Campo*. *Revista de Sociologia e Política*, Junho, n.026. Universidade federal do Paraná. Curitiba, Brasil
- _____. (s/a) *Esclarecer o Habitus*. Acesso a internet: s/a